

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA**

VERENA FERREIRA DOS SANTOS VAZ

**CAMINHANDO EM LADO A LADO (2012): AS POTENCIALIDADES DA
TELENOVELA PARA A PESQUISA HISTORIOGRÁFICA E PARA A
APRENDIZAGEM HISTÓRICA**

UBERLÂNDIA

2023

VERENA FERREIRA DOS SANTOS VAZ

**CAMINHANDO EM LADO A LADO (2012): AS POTENCIALIDADES DA
TELENOVELA PARA A PESQUISA HISTORIOGRÁFICA E PARA A
APRENDIZAGEM HISTÓRICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de História da
Universidade Federal de Uberlândia,
como pré-requisito para conclusão do
curso de graduação em Licenciatura,
sob orientação da Prof.^a Dr.^a Daniela
Magalhães da Silveira.

UBERLÂNDIA

2023

VERENA FERREIRA DOS SANTOS VAZ

**CAMINHANDO EM LADO A LADO (2012): AS POTENCIALIDADES DA
TELENOVELA PARA A PESQUISA HISTORIOGRÁFICA E PARA A
APRENDIZAGEM HISTÓRICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de História da
Universidade Federal de Uberlândia,
como pré-requisito para conclusão do
curso de graduação em Licenciatura,
sob orientação da Prof.^a Dr.^a Daniela
Magalhães da Silveira.

Uberlândia, 30 de novembro de 2023.

BANCA
EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Daniela Magalhães da Silveira

Prof.^a. Dr.^a. Maria Andréa Angelotti Carmo

Prof.^a. Me. Maria Fernanda Ribeiro Cunha

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos sempre foram minha parte preferida de um texto. Mesmo sem conhecer quem escreveu, eu me via emocionada, e pensava minha própria experiência de vida. Eu tenho tanto a agradecer, a tantas pessoas: as que me acompanharam durante toda a minha vida ou quem eu encontrei agora. Esse texto, na verdade, não é para vocês, porque ele não é digno disso. Apenas aproveito esse espaço para demonstrar minha gratidão; vocês todos têm um cantinho no meu coração e na minha memória.

Agradeço ao meu colégio, por ter sido minha casa. Aos diretores Danival e Mariluce, os quais eu chamo de “tio” até hoje, pelo apoio firme, mesmo quando eu me via perdida no mundo dos vestibulares e por manterem o colégio erguido. A todos os professores que me acompanharam ao longo dos anos, principalmente aos de História, que continuam sendo meus exemplos – destaco aqui o professor Marcus, que mais tarde veio a ser meu professor supervisor na disciplina de Estágio. A todos os funcionários, principalmente ao tio Valdomiro e a tia Madalena. Agradeço Grupo de Percussão Popular e ao professor de Bateria e Percussão, Rodrigo Quintino, que no colégio foi meu segundo pai, nos momentos difíceis e bonitos da minha vida. Muito obrigada por me acolher desde tão pequena, e por fazer parte da minha vida até hoje, como professor e amigo.

À Marília e Rosana, que me ajudaram nos meus momentos de medo, que me ensinaram a respirar e seguir forte: em frente. Agradeço ao Projeto Cantinho, ao Amor Cristão e ao Educandário Espírita, por serem meu pronto socorro, meu exemplo de trabalho e de fé. A companhia de vocês torna a vida mais doce.

Aos queridos amigos de minha cidade natal, com quem mantenho uma amizade de décadas: amo profundamente cada um de vocês. Pedro, Camila, Lucas, Luana, Laura, Carol e Amanda. Divididos cada um em uma parte do Brasil, vocês são minha saudade diária. Obrigada por serem malucos, engraçados, sensíveis e parceiros. Com vocês a vida é alegre.

Às meninas do pensionato: obrigada por me mostrarem que é possível viver longe de tudo que eu conhecia. Com vocês, a mudança brusca de 2019, de sair do meu conforto para a loucura da universidade, não foi difícil. Muito pelo contrário, foi um dos períodos mais alegres de minha vida! Minha memória é repleta de conversas até 3h da manhã, de muito brigadeiro e batata frita, e acima de tudo, muita risada. Obrigada por serem vocês, por naquela época transformarem o pensionato em lar. À Mafê, com quem eu dividia o quarto na pensão e hoje dividido o 102, obrigada pela parceria constante, e por ter feito meu abstract! Nossa casa também virou lar. Amo tu!

Ao INHIS, professores e funcionários, por me fazerem enxergar a História com novos olhos de curiosidade. Em especial, à professora Daniela, com quem tive primeiro contato em 2021, nos anos de pandemia e ensino remoto. A Dani enxergou algo em mim, que pessoalmente, não encontrei até hoje. Obrigada por confiar nessa orientanda procrastinadora e confusa, pelos puxões de orelha e pelos almoços na sua casa. Ainda aguardo o dia que vou ganhar seu livro no bingo!

Agradeço a Bateria Predadora, por relembrar a importância da música na minha vida e por me mostrarem o mundinho de B.U. Agradeço, ainda, ao naipe de ouro, que me garantiu muitas risadas, parceria e um estandarte no BF. Fazer parte desse grupo tornou meus dias na universidade absurdamente mais felizes.

Agradeço a turma 46, pela companhia diária nas salas de aula; ao Gláucio e Antônio por deixarem minhas terças-feiras de Didática mais alegres. À Chronos Empresa Júnior de História, por me mostrarem a História na prática, e me garantirem grandes amigos. Vocês são incríveis. Em especial, à Gestão de Pessoas, minha diretoria preferida: Salomão, Mickely e Lari, amo passar minhas quartas-feiras com vocês. Obrigada por cada momento juntos, desde aos perrengues de um PS até o conforto de dividirmos um brownie. Ao Salomão, agradeço também pela companhia ao longo do TCC, e por ser um diretor brilhante.

Às minhas meninas, minha força-tarefa: Luísa, Maria, Larissa e Kauany. Agradeço por não me permitirem desistir. Dividimos lágrimas, surtos, desabafos, cafezinhos na tenda, e muita, muita risada nesses anos. Que os planos de viajarmos juntas se tornem realidade! Eu amo vocês.

A minha família: sem vocês eu não seria nada. Agradeço ao meu tio Rogério, aos meus padrinhos Renato(s); às minhas madrinhas Ivete e Vanessa; minhas primas Laura e Giulia e ao meu afilhado Gabriel. Ao meu padrinho Renato Francisco, agradeço também por todos os conselhos. À minha vó Ana, que me encantava desde bebê com suas histórias e cantorias. Amo a senhora. Ao meu avô Orestes e a minha avó Almelina, por serem meus exemplos de fé, e pelas visitas todos os sábados. Pela constante oração enquanto eu escrevia esse artigo, eu te agradeço, vó, por fazer ele junto comigo. Amo vocês mais do que palavras podem mensurar. À minha prima-irmã Káren, que mesmo estando em outro país, realizando seus sonhos, se faz presente enquanto realizo os meus. Seguramos a mão uma da outra desde pequenas, e hoje mesmo à quilômetros de distância. Amo você.

À minha família nuclear: vocês são meu alicerce e meu alívio nesse mundo. Palavras simplesmente não expressam meu amor por vocês, nem minha gratidão, e mesmo assim, tentarei. Ao meu irmão, Lorenzo: obrigada por cada “Veena” e por cada olhar repleto de amor.

Ser sua irmã foi um dos maiores presentes que Deus me deu. Ao meu pai, Valdir, e à minha mãe, Luciana: obrigada por serem meus amigos, além de meus pais. Obrigada por todo o incentivo, todo amor e todo colo ao longo minha vida. Obrigada por serem fortaleza. Obrigada por serem meus exemplos. Como vocês me conhecem bem, sabem que eu já me acabei de chorar nessas poucas linhas. Obrigada por serem minha família. Amo vocês.

Resumo

O presente trabalho procura explorar e demonstrar a ampla potencialidade das telenovelas como objeto de estudo e fonte para a pesquisa historiográfica, bem como recurso no ensino de História. A partir da análise da fonte, a telenovela Lado a Lado (2012), e pesquisa bibliográfica, será proposta, uma verificação acerca da maternidade da personagem Constância, vilã da trama, fundamentado no trinômio esposa-dona-de-casa-mãe-de-família, de Margareth Rago. Como recurso na aprendizagem, utilizo das operações cognitivas da aprendizagem histórica de Jörn Rüsen para construção de uma breve proposta de plano de ensino, estabelecido na temática da condição feminina no Brasil entre meados do século XIX e início do XX. Assim, conclui-se a possibilidade de uso da telenovela como fonte e objeto de estudo historiográfico, a partir da discussão em torno da caracterização da personagem Constância; e estratégia de aprendizagem, a partir de uma mediação do professor, em contato com a subjetividade do estudante e do conhecimento científico da História.

Palavras-chave: Telenovela. Aprendizagem. Família. Século XIX. Maternidade.

Abstract

This work aims to explore and present the potentialities from the use of soap operas when embraced as an object of study and source for historiographic research, as well as a resource for History teaching. Based on the bibliographic research and the analysis of the soap opera 'Lado a Lado' (2012) as a source, this work proposes a verification upon the motherhood presented on the villain of the plot, Constancia, based on the trinomial wife-housewife-mother-of-family from Margareth Rago. As an educational application, it is used the cognitive operations of historical learning by Jörn Rüsen in order to formulate a brief teaching proposal based on the feminine conditions in Brazil from the mid 19th and beginning of 20th century. Therefore, it concludes the possibilities of using soap operas as source and object for historiographical studies placed on the characterization of Constância and learning strategies, resorting to the teacher's mediation, contacting the students subjectivity and the scientific knowledge from History.

Key-words: History. Soap Opera. Learning. Family. 19th century. Motherhood.

Introdução

Em 1914, o *Jornal do Brasil* noticia um furto na galeria Cruzeiro, de uma bolsa de ouro, repleta de joias e mais de cem mil reis¹, supostamente realizado por uma senhora de sociedade. O *Correio da Manhã*, por sua vez, também acompanha as minúcias do ocorrido, esclarecendo que a dama elegante, bonita, alta, que ostentava um chapéu de última geração e bolsa mignon de prata² fora levada a polícia a fim de esclarecer os fatos. Por mais que as evidências apontassem que, de fato, a autora do crime tivesse sido esta elegante senhora, não houve punição alguma, já que segundo o irmão da acusada, esta sofreria de um caso sério de cleptomania.

Yolande Ameriz, gerente de uma pensão e senhora de sociedade, foi acusada também em 1914 de furtar sua hóspede em joias, roupas e 1016 libras esterlinas. Tanto o *Correio da Manhã*³ como o periódico *A Rua*⁴ afirmaram que o caso foi arquivado, dada a constatação de que Yolande, assim como a senhora tratada anteriormente, era vítima de uma infeliz cleptomania.

Os episódios acima são alguns exemplos de ocorrências retirados do artigo de Aline Carneiro do Nascimento, “As aparências enganam: mulheres e o uso da imagem para prática de crimes contra propriedade no Rio de Janeiro da Primeira República”⁵ no qual a autora se utiliza de diversos jornais do período para refletir acerca de crimes cometidos por mulheres brancas e abastadas, que se acobertavam de sua aparência e riqueza para praticar crimes e permanecerem impunes. Ao longo do texto, Nascimento demonstra ainda, que há grande disparidade na maneira como esses casos eram noticiados: quando se tratava de mulheres de sociedade, transparecia no detalhar das vestes e da descrição física, a sensação de surpresa, ao contrário das criminosas comumente noticiadas, de mulheres pretas e pobres. A autora também verifica uma leveza nas punições, ou mesmo sua falta, como citado nos casos acima.

É importante ressaltar que em meados do século XIX, e no início do XX, o estudo e prática da criminologia e outras pseudociências advindas de teorias raciais deterministas perseverava, e o Brasil não se diferenciava nesse quesito: propagava-se a ideia de que seria possível construir a imagem típica de um criminoso através de seu fenótipo e ambiente social.

¹ Kleptomania?”, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 de maio de 1914, p.12.

² “A dama elegante”, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 1 de maio de 1914, p.5.

³ “As que cavam”, *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 25 de dezembro de 1914

⁴ “Um roubo importante que a polícia oculta”, *A Rua*, Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1914, p.3

⁵ Nascimento, 2018.

Nas palavras de Aline Nascimento, “o criminoso era em sua maioria o homem negro e mestiço, pobre e feio”.⁶ É beneficiando-se dessa ideia, de que mulheres brancas, com maior valor aquisitivo, não se encaixariam no padrão criminal, que essas senhoras se sentiam à vontade para cometerem crimes, a partir da compreensão de que não seriam suspeitas, e muito menos, punidas da mesma maneira que outras pessoas.

O artigo de Nascimento e o presente trabalho se entrelaçam ao abordarem mulheres brancas e criminosas – aqui, falarei sobre Constância, da telenovela *Lado a Lado*, produzida pela Rede Globo em 2012. Contudo, as semelhanças se encerram neste ponto. O trabalho da mestre em História Social permitiu inspiração e se fez absolutamente proveitoso, por esclarecer de maneira detalhada, o aparecimento, ainda que incomum, dessas mulheres nos periódicos.

Por sua vez, o objetivo principal deste artigo é refletir acerca da maternidade da personagem Constância em *Lado a Lado*, que foi utilizada pela própria senhora como justificativa para seus atos criminosos e, ainda, discutir a telenovela como recurso no ensino de História. Conterá aqui os seguintes tópicos: a telenovela na historiografia; a maternidade em *Lado a Lado* e o uso desta telenovela como material para História do Brasil e História das Mulheres. Antes de me enredar nos tópicos citados, farei um breve resumo da telenovela, abrangendo os personagens mais importantes, a trama principal, o contexto da época e, evidentemente, apresentarei a personagem Constância.

Resumo de *Lado a Lado*

A telenovela de época *Lado a Lado*⁷, produzida pela emissora Globo, de autoria de João Ximenes Braga e Cláudia Lage, veiculada entre setembro de 2012 e março de 2013, narra a história de duas mulheres: Laura e Isabel (interpretadas respectivamente por Marjorie Estiano e Camila Pitanga). Laura é filha de um barão, e Isabel é filha de um barbeiro, ex-escravizado. Apesar de suas classes sociais e raças amplamente distintas, tornam-se grandes amigas, compartilhando seus problemas familiares, amorosos e profissionais. A telenovela se desenrola inicialmente no ano de 1903 e 1904, e em seguida passa por um salto temporal de 6 anos. O cenário espacial da narrativa localiza-se no Rio de Janeiro do século XX, e todas as suas transformações - geográficas, sociais e políticas: a derrubada dos cortiços, a subida aos morros,

⁶ Nascimento, 2018, p. 118

⁷ A telenovela conquistou o Emmy Internacional de Melhor Novela no ano de 2013, e venceu também a categoria de Veículo de Comunicação, com o Prêmio Camélia da Liberdade pelo Centro de Articulação de Populações Marginalizadas (CEAP).

e em especial ao Morro da Providência, a Revolta da Vacina, a Revolta da Chibata; acompanha também os preconceitos vividos por alguns personagens, como o racismo, o divórcio e a proibição da capoeira.

Lado a Lado aborda constantemente a questão de gênero durante a Primeira República, em diversos personagens, não focando somente nas protagonistas. Isabel é uma mulher preta, que nunca conheceu a mãe devido à sua morte; aprendeu tudo sobre a vida com seu pai, e o auxílio de uma grande amiga da família, chamada tia Jurema.⁸ Respeita fielmente as normas sociais⁹, com o desejo de casar-se, ter filhos, permanecer virgem até o matrimônio, e após este, interromper seu trabalho a fim de cuidar das crianças. Logo no primeiro episódio, conhece Zé Maria (encarnado em Lázaro Ramos), capoeirista que virá a ser seu par romântico. Os protagonistas não se dão bem à primeira vista, já que Isabel, apesar de ser salva por Zé Maria, refere-se aos capoeiristas como “bandidos sem vergonha”, considerando que a capoeira não era bem-vista popularmente.

Laura é filha de Dona Constância (Patrícia Pillar) – que será aqui abordada – e Assunção (Werner Schunemann), barões da Boa Vista, na época do Império do Brasil. Laura possui boa educação, e uma sede constante pelo conhecimento; ministra aulas de Literatura, se interessa por teatro, e por ideias consideradas “subversivas” pela sociedade do início da Primeira República, mas que já fomentavam nos pensamentos de muitas mulheres, as primeiras feministas e as anarquistas. Não quer se casar, mas se unirá a Edgar (Thiago Fragoso) sob ordens dos pais e da família de seu marido, um casamento de conveniência.

Laura e Isabel se encontram em seus momentos mais frágeis: no casamento. Marcado para o mesmo dia, na mesma Igreja, elas se encontram na sacristia enquanto Isabel aguarda ansiosamente seu noivo Zé-Maria. O casamento de Isabel é o primeiro, mas o noivo não aparece, aprisionado por prática de capoeira. Laura, por outro lado, aguarda miseravelmente o seu matrimônio, e neste sim, o noivo cumpre com o combinado. Ironicamente, ambas contrariam seus valores iniciais: sentindo o pesar do abandono, e sem conhecer a situação de Zé Maria, Isabel se relaciona sexualmente com outro homem, e Laura transfigura-se em esposa,

⁸ Tia Jurema (Zezeh Barbosa) é mãe de santo e cozinheira. Sempre auxilia Isabel, com conselhos, carinho e mesmo com seus búzios, apesar de Isabel ser cristã. É um pilar moral para Isabel e todos os outros moradores do Morro da Providência.

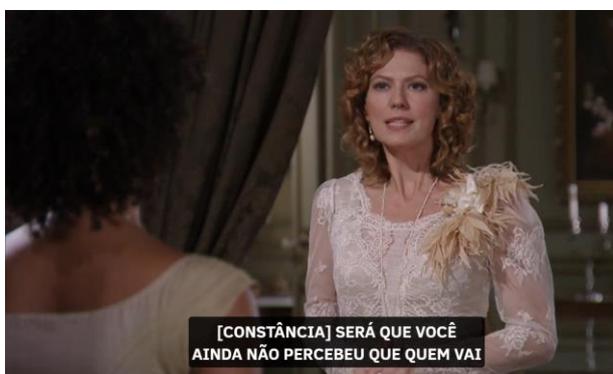
⁹ Este artigo entende que o comportamento recatado de Isabel nos primeiros capítulos foi assim construído para ser um contraponto com a Isabel dos capítulos seguintes, visto que “o que a Literatura do período informa é que a mulher das classes baixas, ou sem tantos recursos, teve maiores possibilidades de poder amar pessoas de sua condição social, uma vez que o amor, ou expressão da sexualidade, caso levasse a uma união, não compr ometeria as pressões de interesses políticos e econômicos.” (D’Incao, 1997, p. 234)

do lar – mesmo que temporariamente. Ao longo de seus 154 capítulos, a telenovela aborda essas primeiras adversidades e outras que virão.

Dona Constância, mãe de Laura, é apegada ao seu antigo título de baronesa da Boa Vista; faz de tudo pela família, o que lhe é devido ou não, e dela é “senhora e escrava”.¹⁰ Grande vilã da telenovela, prioriza profundamente sua reputação na sociedade e espera que seus filhos façam o mesmo. Abomina as atitudes “impróprias” da filha e para seu desgosto, Laura não compartilha de seus valores, muito menos seu outro filho, Albertinho (Rafael Cardoso).

Para o telespectador, a maldade de Constância se inicia logo no primeiro capítulo, no encontro desta e de Isabel. Constância é absurdamente racista e demonstra isso sem eufemismos; para ela, considera como objetivo integral afastar seus filhos, Laura e Albertinho, de Isabel, mas falha de maneira significativa. Laura jamais rompeu sua amizade, e Albertinho, por sua vez, é o homem com quem Isabel se relacionou quando se decepcionou com Zé Maria. Dessa relação, Isabel engravidou, para o desespero de Constância. É nesse emaranhado que Constância comete seu maior crime: o rapto de seu neto.

O plano inicial da baronesa consiste em trocar o recém-nascido de Isabel por uma criança natimorta, e em seguida, enviar o menino vivo para uma tecedeira de anjos, que assassinará a criança. Isso tudo para evitar que a sociedade soubesse que Albertinho era pai de um filho ilegítimo e mestiço. A estratégia de Constância toma outro rumo, quando observa o bebê, e relembra de seus melhores momentos com seus filhos pequenos. Decide então, enviá-lo para o cuidado de outras mulheres, moradoras do Morro da Providência e aversas a Isabel. Seis anos se passam, e mesmo com seu plano maléfico descoberto, e as mulheres que criaram a criança, agora chantageando a baronesa por mais dinheiro, Constância ainda tem certeza de que não seria punida e mais: fez o melhor possível para sua família.



¹⁰ Frase da personagem Constância, capítulo 82.



Constância: Será que você ainda não percebeu que quem vai para a cadeia é você? Se as pessoas acreditarem na conversa da escurinha¹¹, eu perco meu prestígio, mancho minha reputação. Mas com um mês indo à igreja, de preto, todos os dias, me fazendo de mártir arrependida... Pronto! Eu já sobrevivi a esse escândalo. Quem não vai ter como se recuperar é você, na cadeia.”¹²

Assim como as mulheres criminosas do *Correio da Manhã*, d’*A Rua* e do *Jornal do Brasil*, Dona Constância tinha a convicção absoluta de que seria absolvida de seus crimes, e acima disso, tinha a certeza de estar exercendo de maneira primorosa seu papel de mãe da família nuclear da virada do século XIX para o XX.

¹¹ Aqui a senhora refere-se a Isabel, mãe de Elias, que denunciou para sociedade o sequestro de seu filho e expôs a criminosa, Constância.

¹² Fala de Constância, Capítulo 113, minuto 26.55 – 27.23.

A telenovela: potencialidades

A televisão, ainda hoje, se destaca como um dos maiores meios de comunicação do país, prevalecendo em 72,9 milhões de domicílios no Brasil.¹³ Seu alcance ao longo do território, bem como sua característica de tratar, com regularidade, de assuntos diversos, seja nos sentidos sócio-políticos, econômicos e culturais, são qualidades que precisam ser observadas, e acima disso, trabalhadas pelo campo da historiografia.

O histórico de mais de 70 anos do aparelho televisivo, hoje em dia, é conhecido por ser mais abordado nos campos de Comunicação e Ciências Sociais, que continuam a explorar muitos aspectos desse objeto de estudo. Contudo, segundo o historiador Áureo Busetto, partem de

Teorias ou análises que, em regra, tendem à perspectiva ahistórica ou trans-histórica. Direção teórica que, podemos dizer, acaba por tratar a televisão com base em um pensamento essencialista (com essência e substância em si mesmo) (...) Faz tábula rasa das relações sócio-históricas que criaram um campo de possibilidades para que representações e práticas próprias do universo televisivo fossem legitimadas e reconhecidas socialmente. Corrobora com a ideia de que a televisão é tão somente um veículo transmissor da cultura, logo, distante da noção que a define como meio portador de uma cultura própria.¹⁴

A partir de uma interdisciplinaridade, defendida por autores como o próprio Busetto, e os pioneiros no estudo da televisão como objeto de estudo historiográfico, Asa Briggs e Jean-Nöel Jeanneney, as áreas de Comunicação, Ciências Sociais e História; conseguiriam, juntas, pesquisar de modo mais rico, as infinitas questões com potencialidade a serem investigadas.

A televisão, e em específico para este artigo, a telenovela, apesar de sugerir maior interdisciplinaridade do que outras fontes e objetos de estudo, também se resume aos mesmos cuidados: averiguação da originalidade e acesso ao material, bem como análise e cuidado acerca da intencionalidade da produção; afinal, como em outros documentos históricos, a telenovela passa por um conjunto de operações de edição e seleção¹⁵.

Telejornais, *reality shows*, programas de entrevistas e telenovelas, todos possuem potencial e material para serem trabalhados pelo campo da História; do contrário, prevalece “uma História sem sintonia com questões ligadas a um conjunto de amplas e constantes relações sociais, culturais e políticas que a televisão tem integrado na contemporaneidade.”¹⁶ Além

¹³ Segundo dados do IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2021: “Acessos à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2021”.

¹⁴ Busetto, 2010, p. 154

¹⁵ Garcia, 2014, p. 9

¹⁶ Busetto, 2010, p. 154

disso, é válido frisar a presença incessante da telenovela na memória social dos lares latino-americanos¹⁷.

Nesse sentido, a telenovela *Lado a Lado* foi, em primeiro momento, selecionada para pesquisa justamente pelo reconhecimento, e curiosidade, das vastas possibilidades de problemáticas passíveis de serem exploradas: gênero, classe, raça, política, cultura e muitos outros aspectos. A telenovela, e a televisão, são fontes inesgotáveis de análise e pesquisa, mas não somente: podem, também, serem utilizadas como recurso em sala de aula para o aprendizado histórico.

O artigo *Telenovela: um elemento do cotidiano como fonte de aprendizagem histórica*, de Júlia Matos e Elisabete Ferreira, explora, principalmente a partir da perspectiva do historiador alemão Jörn Rüsen, a telenovela brasileira *Gabriela* (2012) como elemento massificador de aprendizagem histórica do tema coronelismo. O texto possui como metodologia o estudo de casos múltiplos, a partir de entrevistas com telespectadores de *Gabriela* fora dos sistemas formais de educação, e, em específico, volta-se para o ambiente hospitalar, onde primeiramente surgiu um diálogo sobre aprendizagem histórica por meio das telenovelas.

As autoras partem do conceito de literacia histórica, “um processo de letramento histórico que acompanha os sujeitos letrados para além da experiência escolar”¹⁸, visto que o autor da trama parte de sua própria compreensão histórica para criar sua produção. Depreenderam que os telespectadores conseguiram efetivar uma aprendizagem histórica mesmo sem a telenovela se utilizar de diálogos propriamente historiográficos. Ou seja, a partir de *Gabriela*, “eles próprios construíram sentido sobre o passado a partir da recepção televisiva e, com isso, aprenderam história”¹⁹, compreendendo ainda, que, apesar de a telenovela ser fruto ficcional, há também um contexto histórico ali inerente.

Para as pesquisadoras Matos e Ferreira, os casos entrevistados corroboram com os conceitos de experiência, interpretação e orientação, as três operações cognitivas de aprendizagem histórica para Rüsen. Para o autor alemão, a disciplina de História mobiliza elementos cognitivos específicos, ao contrário de outras áreas de conhecimento; a funcionalidade desse saber visa à consciência histórica e formação histórica, que, para serem atingidos, necessariamente devem perpassar pelas três operações citadas anteriormente.

¹⁷ Garcia, 2014, p. 6

¹⁸ Matos; Ferreira, 2015, p. 122

¹⁹ Matos; Ferreira, 2015, p. 122

A operação de *experiência* denomina o processo de ampliação de conhecimento das experiências humanas no passado, tanto através da historiografia, como da subjetividade do ser, a partir de sua realidade social. Trata-se do entendimento do passado, que se constitui no presente e projeta o futuro. A *interpretação* é a apropriação subjetiva, é a construção de um sentido histórico a partir da relação do tempo presente e passado; refere-se a uma atribuição de significado, que permite e induz à construção de uma identidade histórica. A última operação básica de aprendizagem histórica, *orientação*, a partir da autocompreensão de si como sujeito histórico, é um domínio do conhecimento histórico com fins de intervenção, seja ela social, política, pessoal, com perspectiva ao futuro.²⁰

Novamente, em *Telenovela: um elemento do cotidiano como fonte de aprendizagem histórica*, as autoras defendem que os participantes conseguiram exercer as três dimensões de aprendizagem, sendo que: correspondem à experiência os participantes que conseguiram se afastar temporalmente da periodicidade de *Gabriela*, diferenciando e reconhecendo passado e presente. Interpretação, nas falas que ressignificam eventos do presente, a partir do passado, e ainda, colaboram no entendimento enquanto identidade e lugar social. Orientação, ao converter esse conhecimento em atos por causas políticas, sociais. Dos entrevistados, destacam a participante Turmalina²¹, que demonstrou exercício de todas as operações básicas cognitivas para o aprendizado histórico:

[...] a gente vê a evolução da sociedade, as guerras, as lutas que as pessoas têm para ter um pouco de humanidade, mas nunca a gente perde **essa questão do coronelismo, do mando, é cultural**. Primeiro a gente foi súdito de reis, depois foi **apadrinhado do coronel**. Se tu fores (sic) ver na cidade e observar a prefeitura, verás **cargos de comissão**. Tem o amigo do fulaninho que consegue sempre ascender. Isso a gente viu na novela e continua vendo nos dias de hoje, são os **favorecimentos**.²²

Com vistas ao supracitado trabalho de Júlia Matos e Elisabete Ferreira, é possível depreender que houve aprendizagem histórica dos telespectadores fora do ambiente formal de educação: em suas casas; e nos hospitais, na atividade cotidiana de acompanhar telenovelas.

No ambiente de educação formal, também é devidamente praticável a inserção de telenovelas, a fim de facilitar, por outros métodos, a aprendizagem histórica do aluno. É o que o artigo de Juliana Freitas demonstra: a partir de *Sinhá Moça* (2006), analisa o processo de abolição no Brasil. A experiência de Freitas foi prática, e em um estágio para a graduação em

²⁰ Schmidt; Barca; Martins (orgs), 2010; PROFHISTORIA-UFPA, 2020

²¹ Para preservar a privacidade dos entrevistados, estes ganharam nomes de pedras preciosas.

²² Matos; Ferreira. 2015, p.126 (grifo deles)

licenciatura em História, se propôs a utilizar dessa fonte midiática como recurso em sala de aula. Como autoavaliação, reflete: em primeiro momento, houve necessidade de frisar que as cenas da trama novelística não necessariamente têm pacto com a historiografia, não apresentam uma verdade. Dessa forma, incentivou ainda mais a criticidade perante as mídias, e a noção de intencionalidade. Finalmente, em seu término de estágio questionou os estudantes a respeito da utilização da telenovela, e da televisão, como fontes: encontrou respostas com a afirmativa de que sim, é bastante possível, mas também tiveram aqueles que reiteraram “alguns estereótipos, colocando a novela como não sendo uma fonte completamente confiável por não mostrar “o que realmente aconteceu”, ao contrário da história.”²³

A autora relembra que os estudantes podem dispor de certa dificuldade ao pensar na especificidade da História, acostumados com a noção inatingível de que essa área de conhecimento historiográfico traduz, exclusivamente, a verdade única, a partir de documentos oficiais, de eventos anteriores. Sem embargo, Freitas declara que ainda assim é preciso trabalhar com fontes midiáticas, que dialoguem melhor (e no cotidiano) com o aluno, para dinamizar o processo de construção do conhecimento e ainda, problematizá-los junto aos discentes, de modo a elevar a criticidade perante alguns estereótipos ainda reproduzidos e romanceados em telenovelas.

Portanto, com vistas à bibliografia supracitada, confere-se a noção de que a televisão, as telenovelas, podem – carecem – de ser objetos de estudo e fontes para uma historiografia mais sintonizada com a própria atualidade, ciente de uma perspectiva narrada nas telinhas, de eventos anteriores e sua associação com a contemporaneidade. Além de ser mais incluído na historiografia, esse objeto de estudo também deve ser reconhecido como recurso na aprendizagem histórica, principalmente nos sistemas formais de educação. Por mais que experiência, interpretação e orientação possam, por vezes, acontecer na subjetividade do sujeito, a objetividade da historiografia é necessária, sendo mediada então, pelo docente, como o próprio pensador Rüsen defende.

Deve-se considerar a presença do professor para, de fato, orientar os alunos, de modo a evitar a reprodução de estereótipos expostos na telenovela ou para com a telenovela, como revelado na pesquisa de estágio de Freitas, além de atentá-los para uma romantização da História a favor da trama novelística, bem como a intenção da produtora, do autor e da construção dos personagens. Além disso, o docente também realiza o papel de fomentador da construção de uma consciência histórica – caso o aluno se oriente apenas a partir de sua própria

²³ Freitas, 2011, p. 9

subjetividade, experiência e realidade social, as operações cognitivas se tornam incompletas, sem fundamentação. É o docente que dá sentido e impulsiona uma formação histórica.

O presente artigo se orienta por essas constatações e pretende demonstrar algumas maneiras nas quais a telenovela *Lado a Lado* pode ser trabalhada nos âmbitos educacionais e de pesquisa historiográfica. A telenovela prova-se estar atenta ao contexto histórico de sua periodicidade, ao levantar diversos eventos ocorridos nos anos de 1903 a 1910, como o bota-abaixo dos cortiços do Rio de Janeiro, a Revolta da Chibata, a Revolta da Vacina. Estes cito como grandes episódios da História do Brasil, mas há também especificidades, centradas nos campos de gênero, raça e classe com potencial de serem trabalhadas, como o divórcio, a criminalização da capoeira e a vadiagem, a desvalorização do trabalho artístico, principalmente feminino – atrizes, cantoras e dançarinas. No tópico a seguir, dedico-me a adentrar no âmbito de pesquisa, explorando o que, acima de tudo, me instiga em *Lado a Lado*: a família, a maternidade e os crimes da personagem Constância.

Constância: maternidade, família e crimes

Lado a Lado acompanha os primeiros anos do século XX, abrangendo os anos de 1903 a 1910. Aqui, proponho demonstrar Constância como uma personagem com traços e características de mulheres do século XIX, partindo de uma interpretação de sua complexidade. Assim, não é possível ignorar que os personagens, em sua maioria, são nascidos ainda durante o século XIX, e justamente por esse motivo, faz-se necessário rememorar o contexto histórico do período em questão.

Ao longo do XIX, observa-se já a separação dos espaços públicos e privados: o discurso médico, com a criação da Faculdade de Medicina, recebe maior relevância; surgem regulamentações para a manutenção da limpeza das ruas, bem como a proibição de determinadas festas e rituais religiosos nesse espaço; as casas, agora consideradas um espaço privado, não mais abarcam uma parentela extensa, e se traduz na intimidade da família nuclear, voltada a própria privacidade. As casas burguesas ainda prezavam por um ambiente direcionado à esfera pública, e os salões e salas de visitas eram o espaço ideal para a prática de saraus, bailes e jantares – dessa maneira, sujeitavam-se aos olhares do público, a fim de reafirmarem sua condição e posição social.²⁴

²⁴ D’Incao, 1997.

Para as mulheres, o casamento ainda era aparato para reafirmar alianças familiares e de manutenção de prestígio econômico, e a maternidade ganhava mais visibilidade por parte da comunidade médica e política, que comunicavam a importância de as próprias mães se aterem à educação de seus filhos, bem como distanciá-los de amas, babás e responderem a própria natureza de amamentar as futuras gerações, responsáveis por conduzirem o destino do país.

(...) nunca as baleias, as leoas, as panteras recusaram as mamas a seus filhos; isto estava reservado à mulher, não para a pobre e desculpável pela sua miséria, porque esta não é tão desnaturada; mas para a rica, rodeada de todos os favores, de todos os bens da fortuna: morra seu filho, embora; mas desfrute ela todos os prazeres. (...) contrista-nos o coração ver que só a mulher, dotada de uma razão tão esclarecida, de tanta sensibilidade e ternura, é o único ser que abusa da sua liberdade, do seu entendimento, e que não cora de pejo quando vê que os animais guiados somente pelo instinto lhes ensinam seu dever”²⁵

Ainda, apesar de na sociedade burguesa a mulher possuir mais autonomia, no sentido de poder frequentar restaurantes, cafés, teatros, comércios, modistas e bailes, continuava sob vigilância, agora não só pelo seu pai ou marido, “sua conduta era também submetida aos olhares atentos da sociedade. Essas mulheres tiveram de aprender a comportar-se em público, a conviver de maneira educada”²⁶ além de estarem constantemente sujeitas ao julgamento, visando a culpa abandono do lar, filhos e maridos.

Dessa maneira, em meados do século XIX e início do XX, a mulher possuía, de fato, importantes papéis na sociedade da época: era responsável por manter o prestígio da família através do casamento, e a partir disso, deveria zelar pela imagem da família e de seu marido, bem como por gestar e educar a geração futura; em detalhes, utilizando o conceito de Margareth Rago: à mulher está encarregado o peso de ser esposa-dona-de-casa-mãe-de-família, e “cabia, agora, atentar para os mínimos detalhes da vida cotidiana de cada um dos membros da família, vigiar seus horários, estar a par de todos os pequenos fatos do dia-a-dia, prevenir a emergência de qualquer sinal da doença ou do desvio.”²⁷

Como esposa, devoção ao marido era seu dever: teria de estar atenta à saúde dele e entender sua extenuação ao trabalho, manter uma postura casta nas relações sexuais, e zelar pela imagem e reputação da família, que poderiam influenciar diretamente na maneira com que outras pessoas enxergariam seu companheiro, e conseqüentemente, o trabalho deste; depende

²⁵ Meirelles, 1847, p.12 apud Costa, 1979, p. 257.

²⁶ D’Incao, 1997, p. 228.

²⁷ Rago, 1985, p. 62.

dela também, “o sucesso da família, quer em manter seu elevado nível e prestígio social já existentes, quer em empurrar o status do grupo familiar mais e mais para cima.”²⁸

Como dona-de-casa, precisava conservar o ambiente domiciliar limpo e organizado, de acordo com as políticas higiênicas que entrariam em vigor, estipular tarefas aos empregados da casa, planejar jantares, saraus, bailes e encontros que interfeririam diretamente na imagem familiar perante a sociedade, em aspectos morais, financeiros, políticos.

Como mãe, em constante diálogo com a ordem médica, era fundamental a amamentação, como dito anteriormente, o acompanhamento próximo e virtuoso para com a educação dos filhos, bem como a vigilância constante para prevenir possíveis doenças e descaminhos. A mulher, guardiã-do-lar, deveria então interpretar os valores de vigilância, fragilidade, castidade, abnegação e soberania; era inteira sacrifício, mantenedora da intimidade do lar, da reputação da família; encarregada da missão sagrada de carregar do ventre os futuros trabalhadores da nação. Esposa-dona-de-casa-mãe-de-família, suportavam o peso de dever intervir, sob ditames sociais, no presente e futuro, da família e da nação.

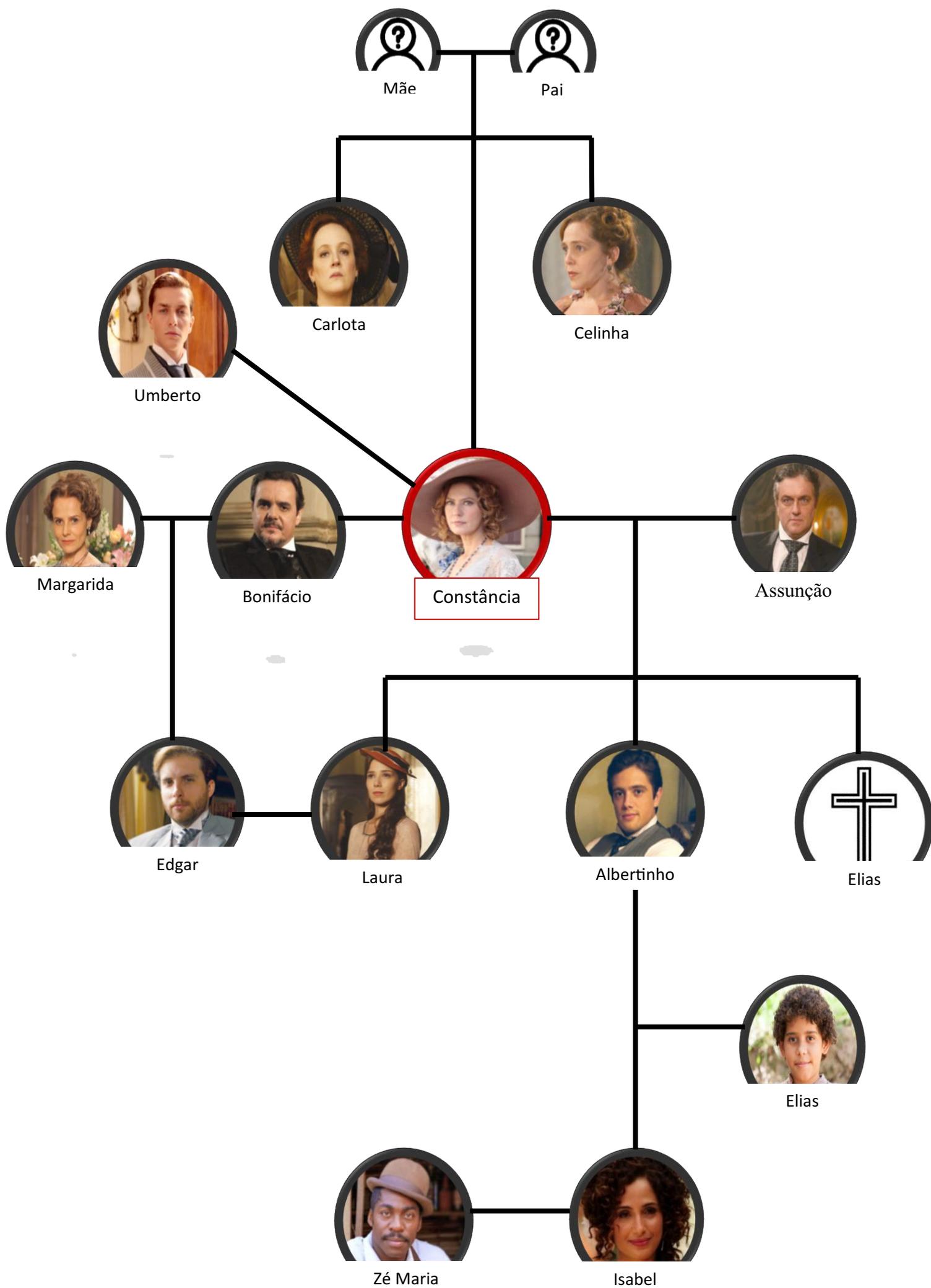
Num certo sentido, os homens eram bastante dependentes da imagem que suas mulheres pudessem traduzir para o restante das pessoas de seu grupo de convívio. Em outras palavras, significavam um capital simbólico importante, embora a autoridade familiar se mantivesse em mãos masculinas, do pai ou do marido. Esposas, tias, filhas, irmãs, sobrinhas (e serviçais) cuidavam da imagem do homem público; esse homem aparentemente autônomo, envolto em questões de política e economia, estava na verdade rodeado por um conjunto de mulheres das quais esperava que o ajudassem a manter sua posição social.²⁹

A partir disso, a presente pesquisa tem como principal intuito corroborar com a leitura da personagem Constância: baseada em características de mulheres do XIX, se demonstra complexa e atenta aos valores e normas sociais de seu período, plenamente consciente de sua condição feminina; e, ao mesmo tempo, se beneficia e é conivente com esses preceitos sociais. Não será ignorada a maldade da personagem, muito menos sua vaidade, soberba, racismo e inflexibilidade: são eles que tornam a personagem tão complexa e intrigante a essa pesquisa.

Uma telenovela sempre possui diversos “núcleos”, sejam eles de relações familiares, amorosas, de amizade ou não. Para relembrar o núcleo da personagem em questão, deixo aqui um breve esquema:

²⁸ D’Incao, 1997, p. 229.

²⁹ D’Incao, 1997, p. 229.



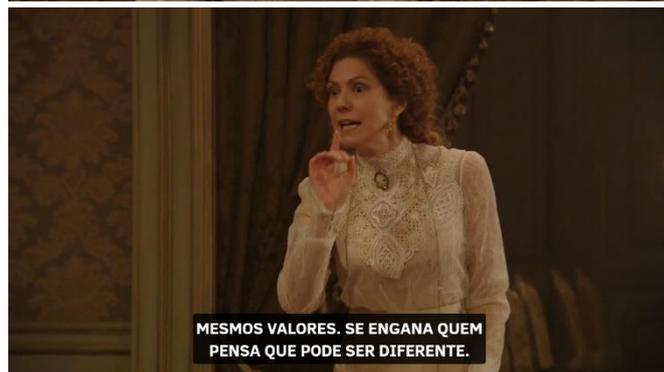
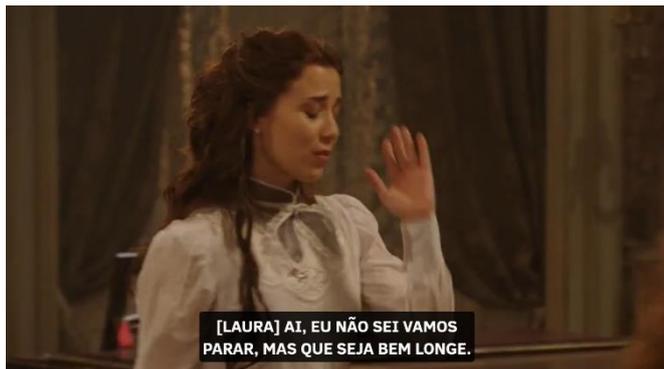
A relação familiar de Constância estende-se a suas irmãs, Carlota e Célia, sendo a primeira, parceira nos planos maléficos de Constância, aquela que conhece e protege todos os seus segredos; Celinha é a mais nova das irmãs, ingênua e “solteirona”, mas que encontra forças para enfrentar o desdém das irmãs. Ainda, a família nuclear de Constância: Alberto Assunção, seu marido de longa data, com quem divide um casamento feliz, até este não sustentar mais as vilanias da esposa, e seus filhos, Laura e Alberto Filho. No decorrer da telenovela, Constância menciona, com profunda tristeza, que sofreu de um aborto espontâneo do caçula, Elias. É por essas pessoas que a personagem diz se sacrificar, é por eles que Constância age como esposa-dona-de-casa-mãe-de-família.

Ela, que já foi intitulada Baronesa da Boa Vista, entende que é preciso apossar-se de algum título da república para manter, ou ampliar, o prestígio da família dos tempos imperiais. Assim, planeja o casamento de sua filha Laura, com Edgar, filho do senador Bonifácio Vieira: o casamento como aparato de conservação de um status social; os Vieira e Assunção se tornariam uma só família. Logo no primeiro capítulo, assistimos a prova do vestido de noiva de Laura, que está notadamente desanimada com o matrimônio, fato que não passa despercebido por sua mãe.

Assim que a prova termina, Laura se apressa a sair, em rumo à biblioteca. Constância, que acompanha a filha a distância, supõe um encontro clandestino na biblioteca de Laura e seu possível “namoradinho”, e sem demora, adentra o recinto. Encontra Laura e um homem, em um palco, trocando juras de amor... Logo em seguida, tanto Constância como o telespectador conferem, após a confissão de Laura, que o momento não passava de uma declamação, para um sarau, de uma peça de Arthur Azevedo.

A constatação não deixa de ser menos condenável para a baronesa de Boa Vista, que determina que Laura “guarde essa sem vergonhice para as atrizes, que já são umas desclassificadas.³⁰” Mesmo assim, Laura justifica que o homem em questão, era seu aluno de Literatura, do seu trabalho voluntário na biblioteca. Constância só se enfurece mais, afinal Laura é noiva:

³⁰ Fala de Constância, capítulo 1, minuto 16.30.





Constância: E agora essa... Onde estamos, meu Deus do céu, onde é que nós vamos parar?!

Laura: Não sei onde vamos parar, mas que seja bem longe! Estamos em 1903. O século XIX acabou, a monarquia se foi.

Constância: O mundo continua o mesmo, com as mesmas regras e os mesmos valores. Se engana quem pensa que pode ser diferente.

Laura: Se engana quem pensa que pode ser igual! Ou a senhora acredita mesmo que o tempo passa e as pessoas não mudam? ³¹

Esta cena do primeiro capítulo, já apresenta o constante embate entre mãe e filha, de suas crenças amplamente díspares. Laura já anseia por mais liberdade³², de ir e vir, de trabalhar – tem ambição e desejo de ser mais, além de mulher casada e possível mãe de família. Constância demonstra consciência de seus deveres impostos pela moral da época, e a convicção absoluta de que um pressuposto social não se altera com facilidade, e tenta, de maneira falha, repassá-los à filha.

A análise da primeira semana de exibição de um programa televisivo é fundamental para compreender a construção dos personagens, o intuito da telenovela e dos autores.³³ *Lado a Lado*, já no primeiro dia, expõe a grande certeza de Constância: que os tempos não mudam facilmente e os valores permanecem os mesmos. Em contradição com as protagonistas, Laura e Isabel, a telenovela possui intenção de ilustrar Constância como um atraso, um contraponto frequente em relação às outras personagens, destacando o modo de pensar da vilã, que se mantém, de fato, em constância durante os 154 capítulos. O folhetim eletrônico propõe uma leitura de imutabilidade a Constância, que remete a uma monarquia remota e antiquada, e,

³¹ Diálogo entre Constância e Laura, capítulo 1, minuto 17.05 – 17.29.

³² A título de curiosidade: *Lado a Lado* foi a primeira telenovela a se utilizar de um samba-enredo como música de abertura, “Liberdade, Liberdade! Abra as asas sobre nós” da Imperatriz Leopoldinense de 1989. Que será essa liberdade que os protagonistas procuram?

³³ Busetto, 2010.

valoriza assim, o discurso de modernidade republicano. A produção se utiliza de características, preceitos e valores sociais que realmente prevaleceram no período histórico para construir uma personagem complexa, lembrança persistente de um passado superado.

Ainda nas exposições da primeira semana, o segundo capítulo revela uma das primeiras interferências de Constância na vida de seus filhos, visando o bem da família e da reputação: a baronesa, acompanhada de sua leal irmã Carlota, vai até a biblioteca conversar com a supervisora de Laura, Teresa. Convenientemente bem-informada, Constância revela estar ciente de uma possível transferência do delegado, esposo de Teresa, para outro município: oferece sua ajuda e influência para evitar que isso aconteça, e em troca, determina que Laura seja afastada de seu trabalho voluntário:



Teresa: Dona Constância, a senhora não pode...

Constância: Ah, mas eu posso, mas é claro que eu posso! E se eu não puder ajudar, **eu atrapalho, eu destruo**. Em vez do seu marido ser transferido para um outro município, pode ser transferido para um outro estado ou mesmo para o fim do mundo.³⁴

Essa primeira mostra de interferência indireta é bem-sucedida, e Constância garante que sua vontade seja realizada, pelo bem da reputação da família, e pelo bem do casamento de Laura com Edgar, mantendo a imagem recatada de sua filha. O segundo capítulo já esclarece que

³⁴ Diálogo entre Constância e Teresa, capítulo 2, minuto 26.20 – 26.32

Constância não é uma mulher de evitar confrontos, estabelecendo sempre que seu desejo seja efetivado, seja pela boa vontade alheia, ou por outros métodos – atrapalhando e destruindo.

Ao mesmo tempo em que se apresenta como uma mulher firme e enérgica, também é complacente com os valores sociais, e recomenda frequentemente que a filha subversiva se mantenha mansa perante as adversidades, como salientado nos capítulos 3 e 108. No primeiro, após rasgar o diário de Laura, Constância tenta se desculpar e reaproximar, e comenta que, quando era moça, as noivas eram expressamente proibidas de manterem seus diários após o casamento.



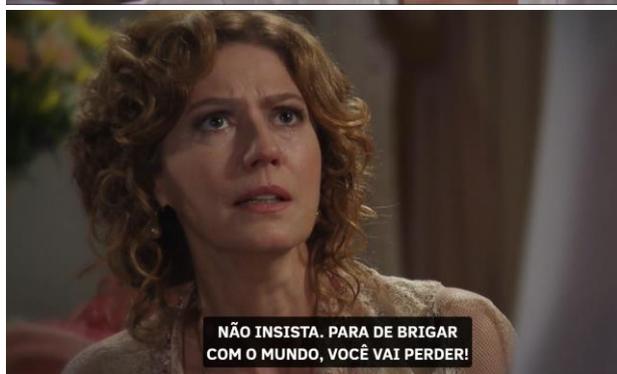
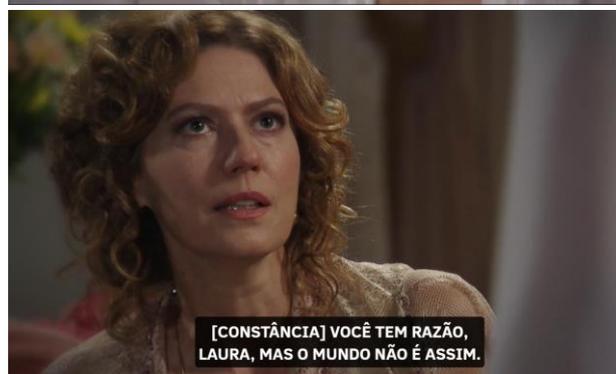
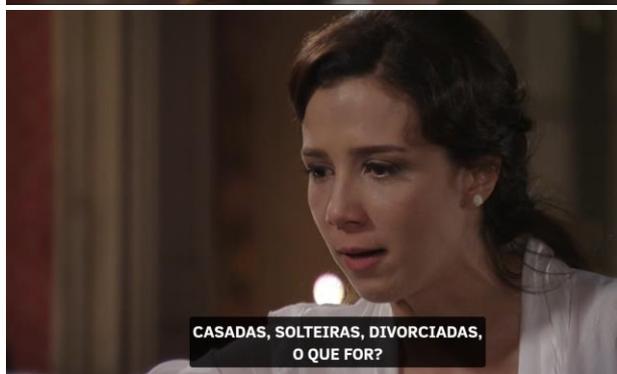
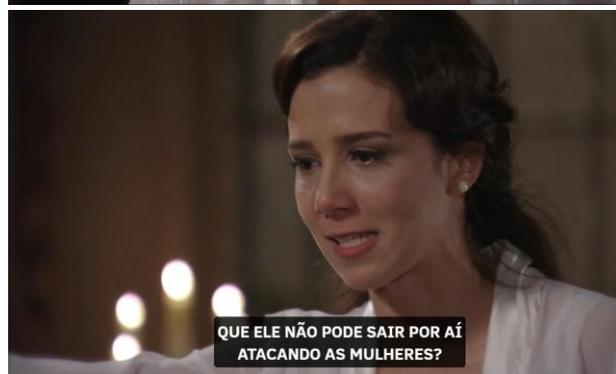
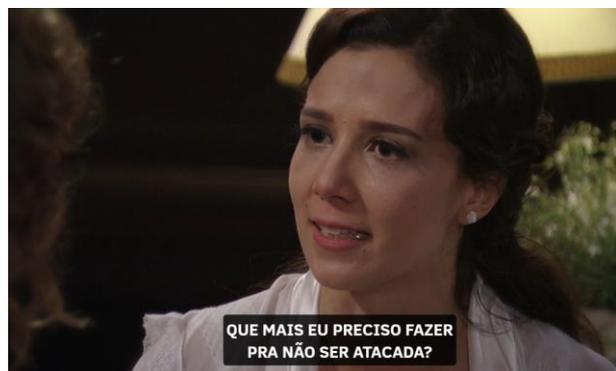
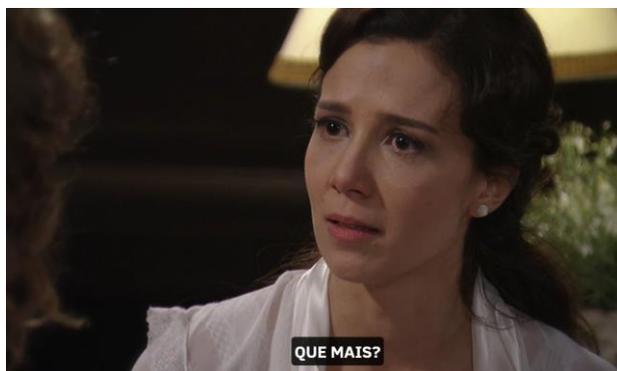
Laura: E a senhora, mãe? Quando era moça, da minha idade, o que achava disso?

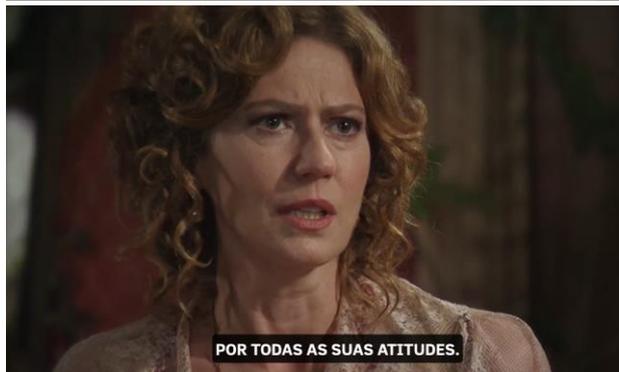
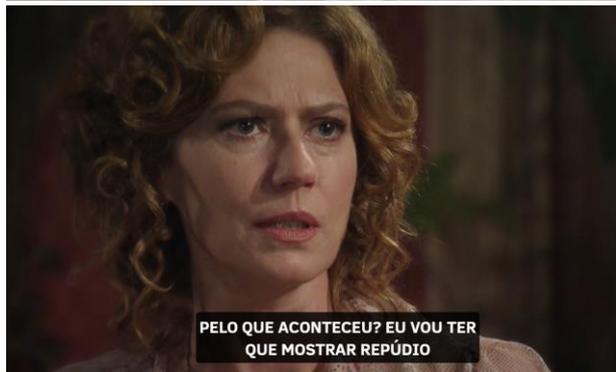
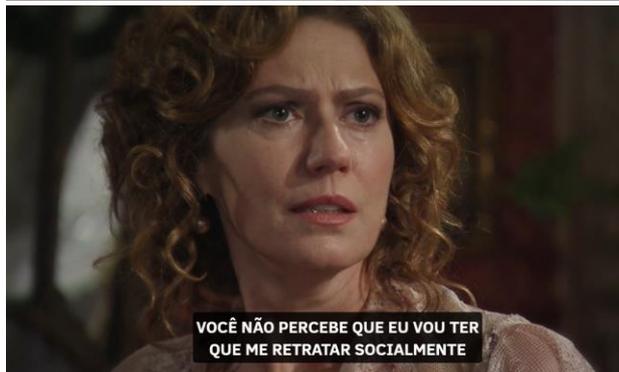
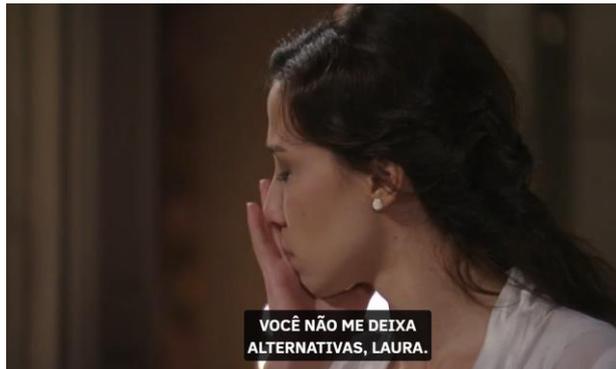
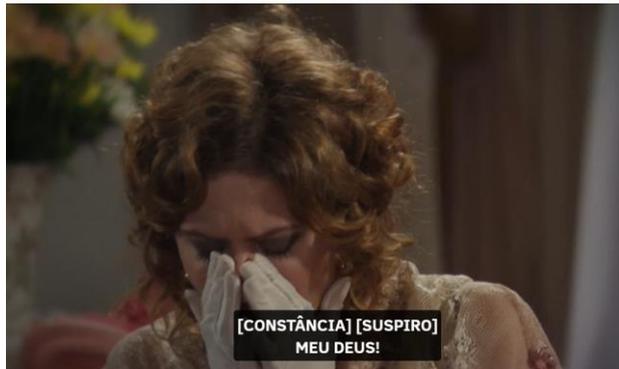
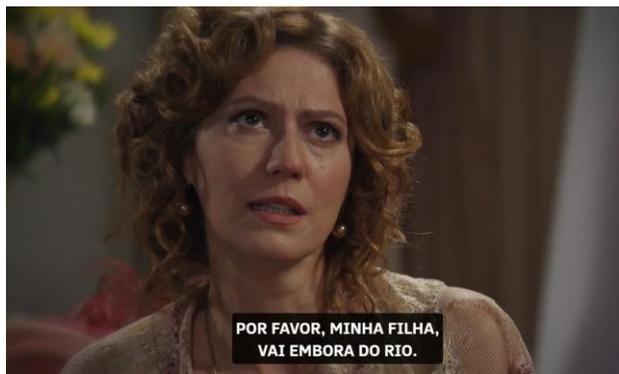
Constância: Não achava, nem deixava de achar. As coisas eram assim e ponto. **É muito mais fácil viver de acordo como as coisas são, Laura.**³⁵

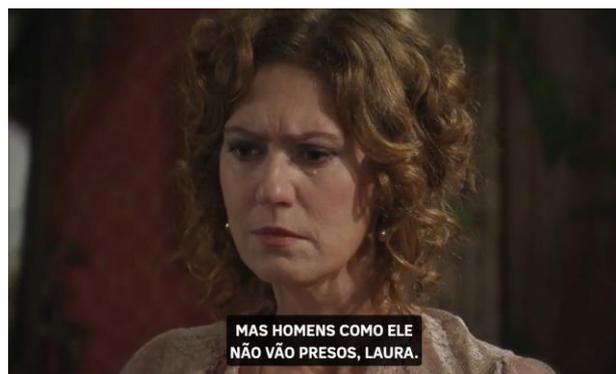
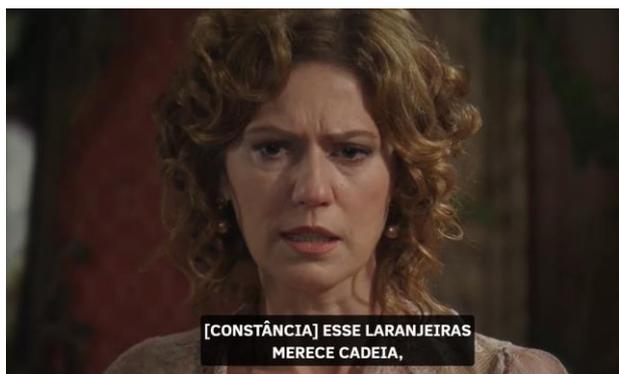
Já no capítulo 108, Laura sofre uma tentativa de estupro por parte daquele que até então, era seu chefe, o senador Laranjeiras, e felizmente, consegue ser salva por Isabel e Celinha. Laura trabalhava como secretária do senador, visto que tinha perdido seu antigo emprego, em uma sapataria, por intervenção de Constância, que não admitia que a filha trabalhasse, muito menos em um emprego considerado banal e inferior pela baronesa; nem que se expusesse daquela maneira, considerando o divórcio de Laura, recém-descoberto pela sociedade. Mesmo

³⁵ Cena entre Laura e Constância, capítulo 3, minuto 14.20 – 14.39.

com seus conflitos, Constância se entristece pela situação da filha, e a consola. Todavia, reafirma que Laura não deveria estar trabalhando naquele lugar, que se estivesse casada, isso não teria acontecido.







Laura: “Casar? Que mais? Que mais eu preciso fazer, para não ser atacada? Alguém já pensou em falar para aquele homem que ele não pode sair por aí atacando as mulheres? Casadas, solteiras, divorciadas, o que for?”

Constância: Você tem razão, Laura, mas o mundo não é assim. Não insista. **Para de brigar com o mundo, você vai perder!** E eu não vou suportar ver isso. Por favor, minha filha, vá embora do Rio.

Laura: De jeito nenhum.

Constância: Meu Deus! Você não me deixa alternativas, Laura. Você não percebe que eu vou ter que me **retratar socialmente** pelo que aconteceu? Eu vou ter que mostrar repúdio por todas as suas atitudes.

Laura: Eu não esperava outra coisa, mãe.

Constância: Esse Laranjeiras merece cadeia. Mas **homens como ele não vão presos**, Laura.³⁶

Mais uma vez, Constância demonstra sua complexidade: por mais que tenha consciência de que as atitudes do senador são execráveis, sabe que não é ele quem a sociedade do período vai punir ou blasfemar, e sim a sua filha. Mesmo sentindo a dor de ver os braços de sua filha machucados com a agressão, enxerga que os insultos serão dirigidos à Laura, seu comportamento de se assumir divorciada, de trabalhar para um homem casado. Por isso, terá que mostrar repúdio às atitudes da filha, demonstrar que condena o divórcio de Laura, convencer o social que a imagem da família ainda está intacta, que os Assunção continuam uma família respeitada, apenas Laura quem divergiu.

Ambos os capítulos, 3 e 108, apresentam a sugestão explícita de Constância para Laura: “as coisas são dessa maneira há anos, mantenha-se no seu lugar para não enfrentar problemas.

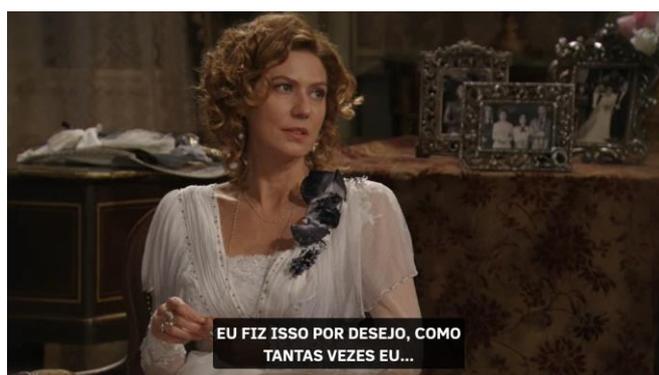
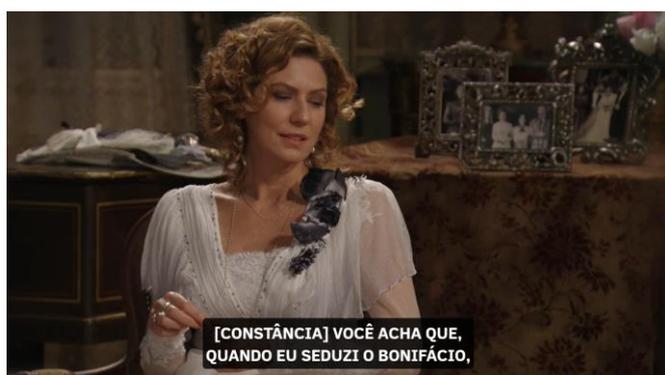
³⁶ Diálogo entre Constância e Laura, capítulo 108, minuto 28.31 – 29.31.

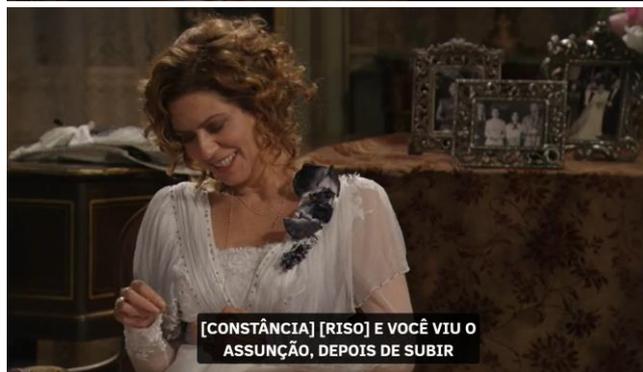
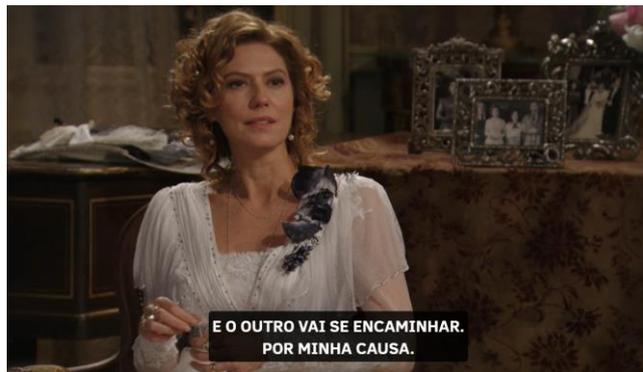
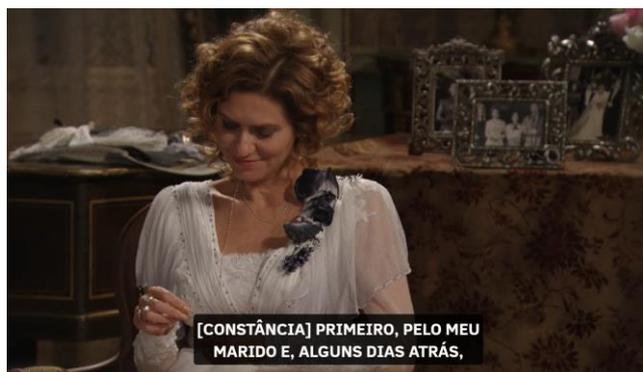
Contente-se com o mundo em que você está, não com o que você acha que deveria ser. Pare de brigar, você vai perder”.

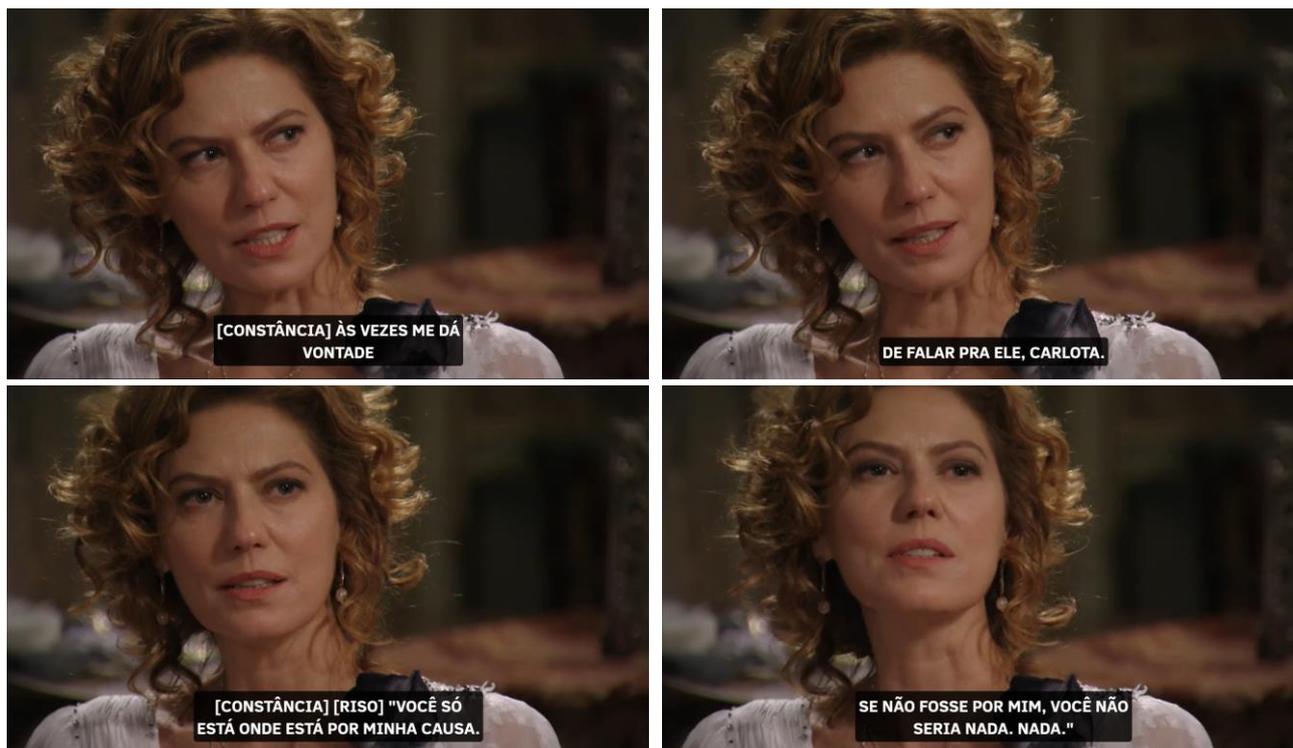
Por mais que Constância frequentemente tente convencer a filha a se conter, a própria baronesa não se reprime: é considerando a manutenção de sua imagem social, que Constância cometeu seus atos mais questionáveis. O primeiro que citarei aqui, a maneira no qual a boa esposa adquire um bom cargo para o marido no governo republicano – diretamente contra a moral da época. Não satisfeita com a ligação entre os Assunção e os Vieira (o casamento de Laura e Edgar) visto que essa aproximação ainda não beneficiou a família economicamente, Constância, visando o favorecimento de uma posição no governo para Assunção, mantém relações sexuais frequentes com o senador Bonifácio Vieira.

Para satisfazer seus interesses, que estão sempre interligados com a reputação da família, Constância se beneficia de sua beleza e da antiga admiração de Bonifácio por ela, para contemplar o poder político do senador. São várias situações que o casal se encontra em troca de favores: para conseguir um cargo para Assunção, para obter contratados para uma claque, para manter um segredo, para um emprego para Albertinho, para um casamento deste mesmo. Basicamente, ao longo de toda a telenovela.

Mas, para Constância, isso faz parte de uma série de deveres para com a reputação de uma família detentora de títulos no período imperial e ainda na república. Relacionar-se com Bonifácio foi apenas um meio para garantir que suas ambições, e por consequência, da família, se realizassem.







Constância: Você acha que, quando eu seduzi o Bonifácio, eu fiz isso por desejo? Como tantas vezes eu procurei transparecer? **Eu me sacrifiquei.** Primeiro pelo meu marido, e alguns dias atrás, pelo meu filho. Um já está com a vida encaminhada, e o outro vai se encaminhar. Por minha causa. Graças a mim. E você viu o Assunção, depois de subir dois degraus da escada que eu construí para ele? (...) Às vezes me dá vontade de falar para ele, Carlota. “Você só está onde está por minha causa. **Se não fosse por mim, você não seria nada. Nada.**”³⁷

A personagem menciona frequentemente seus sacrifícios, as situações que têm de suportar para que a imagem da família permaneça impecável. Constância é uma leitura de uma obediência a uma norma social que ela própria produz e reproduz, que alimenta e se beneficia, que a intoxica sem que perceba. Pela máscara e fardo de ser mãe família, defensora dos seus, Constância trai, engana, corrompe, e até rapta.

A ação mais vil da senhora de família envolve o rapto de um recém-nascido, seu neto. Como dito anteriormente, Albertinho, o filho da baronesa, se envolve romanticamente com Isabel, mulher negra e até então, pobre. Para evitar que a gravidez de Isabel seja publicamente relacionada com Albertinho, Constância planeja, inicialmente, tomar o recém-nascido e levá-lo até uma tecedeira de anjos. Ela, por sua vez, assassinará o bebê, dando fim a qualquer possibilidade de associação entre o filho de uma baronesa e a filha de um escravizado liberto.

³⁷ Desabafo de Constância para Carlota, capítulo 75, minuto 05.25 – 06.53.

Mas, ao pegar o bebê em seus braços, Constância decide não seguir com o plano inicial, e decide entregar a criança, que ela própria nomeia Elias – o mesmo nome de seu falecido caçula – à Berenice e sua irmã Zenaide. Constância, então, pagava mensalmente para os cuidados do menino e para a manutenção do segredo sórdido.

Esse segredo permanece entre Constância, as irmãs e o telespectador, por vários capítulos, até que Isabel, que tinha seu filho como morto, descobre que a criança foi raptada pela própria avó. Furiosa, Isabel denuncia os atos de Constância no palco em que se apresentava³⁸, e a baronesa é vaiada por todo o público. Mesmo assim, Constância permanece ativa, e mais tarde nega as acusações perante a sociedade: na verdade foi Isabel, quem abandonou o bebê em um beco, e como avó preocupada, o resgatou e manteve a criança ilegítima sob cuidados alheios por seis anos. Os eventos se desenrolam da mesma maneira com que Constância enfatiza a Berenice, no capítulo 113, citado previamente. O crime foi apenas uma mancha na reputação de Constância, que jamais iria para a cadeia. Um inquérito chega a ser aberto, mas como forma de garantir sua distância da prisão, a vilã suborna o promotor estipulado do caso, que jamais é solucionado publicamente, pelo que nos mostra *Lado a Lado*.

Nos capítulos finais, esse ato de corrupção é descoberto por um jornalista, Paulo Lima, que pretende denunciá-lo. Ocorre, porém, que Paulo Lima é o pseudônimo de Laura Assunção, que estava disposta a publicar a matéria, mesmo que isso significasse reabrir o inquérito do crime de sequestro cometido por sua mãe. Constância descobre que seus esforços estariam prestes a ruir, e em discussão acirrada com Laura no meio da rua, Laura sofre um acidente com automóvel, e desmaia. Segue-se, assim, o último ato sórdido de Constância: para evitar que sua reputação, a reputação da família, sofra algum descrédito, aproveita do desmaio da filha e interna Laura em um sanatório. Mais tarde, Laura é resgatada por Edgar, sem conseguir conceber do que sua mãe foi capaz. A partir daí, toda a família Assunção rejeita e renuncia a vigilante guardião-do-lar.

Constância assumiu expressamente o papel de esposa-dona-de-casa-mãe-de-família: foi vigilante ao extremo, soberana, guardião-do-lar, inteira sacrifício, mantenedora da reputação da família. Interveio a seu gosto, diretamente ou não, mas constantemente, pelo bem da família. Apropriou-se dos preceitos sociais e a partir disso criou as próprias regras: pela reputação da família, destrói e atrapalha, rapta e interna, mesmo que seja contra os seus. Analiso que a baronesa não deixa de amar seus filhos, mas ama mais a si mesma e a migalha de poder que

³⁸ A convite de uma atriz, Isabel vai para França por seis anos, e atua como dançarina, expondo o samba em terras estrangeiras. Retorna para o Brasil como uma dançarina de prestígio e muito rica.

dispõe com uma reputação. Integralmente, atua por essa ilusão de poder, de senhora da família nuclear, de guardiã dos bons valores e pelo delírio de uma reputação digna.

Criada como ciente das limitações da condição feminina no período, Constância atuou perante a sociedade conforme a cartilha de esposa-dona-de-casa-mãe-de-família, e pela máscara do cuidado e amor de mãe, permitiu-se, a partir da justificativa de servidora da família, realizar atos que convinham ao próprio narcisismo, interesse e racismo, com a certeza de que a lei, também, prevaleceria, a favor de sua vontade; porque essa mesma lei pode condenar um capoeirista por vadiagem e uma mulher negra por denúncias caluniosas, mas não uma senhora de sociedade, mãe-de-família. Constância utilizava dos preceitos sociais vigentes a seu favor; dele, e da família, era senhora e escrava.

Por fim, assim como Yolande Ameriz e a “bela senhora de sociedade” da galeria Cruzeiro, Constância Assunção não sofre punição legal alguma por seus crimes: seu inquérito é arquivado, e por ordens de seu esposo Assunção, à vilã é destinada a pior fazenda que ainda restava das propriedades decorrentes dos tempos de barão de café. Constância é exilada nesse local por estar “fraca e cansada”, desprovida de todo luxo, joias, vestidos ou criados, acompanhada apenas da solidão, do fracasso e da velhice, que viria a seu encontro. *Lado a Lado* estabelece esse desfecho para a baronesa, condizente com o que a autora Aline Nascimento verifica em seu artigo. Constância abusou de sua aparência social, branca e rica para cometer crimes dos quais jamais foi penalizada. Para a sociedade fictícia do período, Constância se mantém como esposa de Alberto Assunção, mãe de Laura e Albertinho, avó amorosa de Elias; esposa-dona-de-casa-mãe-de-família dedicada, que permanece ausente socialmente por estar fora da cidade, descansando. Quem sabe, como nos casos de Yolande e da “bela senhora”, se a verdade viesse à tona, um periódico não noticiaria as ocorrências de Constância como um infeliz caso de narcisismo, ou de uma pobre senhora de sociedade, vítima das más línguas?

A telenovela na prática docente

Com o objetivo de incentivar o uso do elemento televisivo em sala de aula, foi elaborado um breve plano de ensino acerca da temática da condição feminina no Brasil. A proposta a seguir procura manter um diálogo frequente com o estudante, fomentar a voz ativa deste, bem como conferir as etapas de aprendizagem histórica.

Em teoria, a proposta de plano de ensino auxiliaria os estudantes a conseguirem realizar as operações de experiência, interpretação e orientação ao longo das cinco aulas. A primeira operação cognitiva, levando em conta as próprias experiências sociais dos alunos com

telenovelas, e a partir do momento que conseguissem se afastar temporalmente do passado e perceber sua projeção no presente, nos diálogos das primeira, segunda e terceira aulas; interpretação decorrente da atribuição de sentido histórico ao passado, com vistas a seu próprio lugar social e cultural no presente, na terceira e quarta regência; orientação, quando o estudante torna útil seu conhecimento histórico, e se posiciona enquanto sujeito histórico, na última aula.

Plano de Ensino

Disciplina:		História			
Ano (série):	1ºano	Nível:	Ensino Médio	Bimestre:	Quarto bimestre

Tema

A condição feminina no Brasil entre meados do século XIX e início do XX: análise de transformações sociais a partir da telenovela <i>Lado a Lado</i> (2012).
--

Habilidades BNCC:	<ul style="list-style-type: none"> • (EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais. • (EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos. • (EM13CHS103) Elaborar hipóteses, selecionar evidências e compor argumentos relativos a processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos, com base na sistematização de dados e informações de diversas naturezas (expressões artísticas, textos filosóficos e sociológicos, documentos históricos e geográficos, gráficos, mapas, tabelas, tradições orais, entre outros). • (EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer
--------------------------	--

	protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
--	--

Objetivos

Objetivo geral:	A partir da compreensão da telenovela/televisão como possível fonte histórica, localizar a concepção de esposa-dona-de-casa-mãe-de-família no Brasil oitocentista e do século XX, apoiado na produção audiovisual <i>Lado a Lado</i> .
------------------------	--

Objetivos específicos:	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar a compreensão do aluno acerca do uso de diferentes fontes históricas. • Identificar a telenovela/televisão como objeto e fonte histórica. • Interpretar a intencionalidade das fontes. • Compreender o conceito de esposa-dona-de-casa-mãe-de-família. • Detectar as conquistas sociais femininas no decorrer dos séculos XIX e XX.
-------------------------------	---

Conteúdo

<ul style="list-style-type: none"> • A televisão como fonte historiográfica e recurso na aprendizagem histórica. • Criticidade perante fontes. • A condição feminina nos séculos XIX-XX.

Metodologia

Aula 1

A primeira aula abará uma roda de conversa sobre o assunto telenovela. A roda será orientada a partir das perguntas: Como surgiram as telenovelas? Quais são suas características? Como são produzidas? É possível confiar na narrativa da telenovela sem suspeitas?

Aula 2

Na segunda aula, serão apresentados alguns trechos da telenovela *Lado a Lado* (2012), com vistas a exibir as personagens Constância e Laura e seus embates ideológicos.

Aula 3

No terceiro momento, será realizado novamente um diálogo com os estudantes, conduzido pelos questionamentos: O que vocês acharam das personagens? Reconhecem o contexto histórico? Vocês imaginam que as mulheres realmente tinham essa obrigação social, política e moral para com suas famílias? Independentemente de sua classe social e raça? Esse comportamento permanece nos dias atuais? A partir das respostas dos discentes, o professor seguirá com uma explanação do contexto histórico do século XIX, partindo dos preceitos de esposa-dona-de-casa-mãe-de-família, bem como a importância da sociedade médica.

Aula 4

Nessa regência, o professor ainda realiza um esclarecimento sobre meados do século XIX, e em seguida, conduzirá para o início do século XX, acompanhando as primeiras emancipações femininas, em ambos os séculos.

Aula 5

O último momento partirá da questão: é possível aprender História utilizando-se de telenovelas? Dessa maneira, procura-se, ainda, avaliar a construção do olhar atento do estudante em outras produções audiovisuais, garantindo um sujeito histórico crítico.

Avaliação

Os alunos devem realizar um trabalho de pesquisa: partindo do conteúdo ministrado, recolher elementos de jornais, revistas, poemas, livros ou artigos médicos da época, que abordem o ideal de esposa-dona-de-casa-mãe-de-família; ou selecionarem outras personagens de telenovelas, folhetins que se enquadrem no assunto, e discorrer em sala sobre a fonte selecionada (origem, data, intenções, quem produziu).

Recursos

Quadro
Pincel/Giz
Retroprojektor
Slides
Internet
Computador
Caixa de som
Acesso a plataforma streaming globoplay/youtube

Referências

- BUSETTO, Áureo. **Sintonia com o contemporâneo: a TV como objeto e fonte da História**. In: BEIRED, J; BARBOSA, C. (Orgs.). Política e identidade cultural na América Latina [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- D'INCAO, Maria Helena. Mulher e família burguesa. In: Mary Del Priore (org.) **A História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=8KgRI5ZvX8wC&pg=PA223&dq=mulher+e+fam%C3%ADlia+burguesa&hl=ptBR&newbks=1&newbks_redir=0&sa=X&ved=2ahUKEwiTvtPtj-AAxWLLbkGHTt6D8IQ6AF6BAgFEAI#v=onepage&q=mulher%20e%20fam%C3%ADlia%20burguesa&f=false Acesso em julho de 2023.
- Lado a Lado**. Novela de João Ximenes Braga e Claudia Lage. Telenovela. Rede Globo de Televisão. Setembro/2012 até março/2013.
- RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar – Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

Considerações finais

Ao longo destas páginas, o presente artigo procurou enfatizar a necessidade de a historiografia voltar-se para o estudo da televisão como objeto e fonte histórica digno de ser apropriado, também, pelo campo da História, para além das áreas de Comunicação e Ciências

Sociais. Apesar de a televisão ser um objeto de comunicação em massa, ainda não está, de fato, tomada pelos historiadores, e aqueles que se dispõem a investigar o assunto, dirigem suas forças majoritariamente em torno da teoria de homogeneização cultural:

O quadro de referência causal e explanatório da bibliografia ocupada com a história da TV brasileira (...) têm sido calcados em questões atreladas à teoria da dependência, ao imperialismo e homogeneização cultural, a projetos de governos desenvolvimentistas, nacionalistas ou neoliberais, ao processo de modernização autoritária, à difusão e ao reforço da ideologia dominante, à publicidade de produtos e propagação de estilos de vida.³⁹

Mesmo assim, procurei esclarecer as possibilidades de pesquisa em *Lado a Lado*, nos campos de gênero, raça e classe, e por conseguinte, elaborar minha própria abordagem: a discussão em torno da maternidade de Constância. Foi explorado a noção de que Constância, de fato, foi trabalhada de maneira a seguir a cartilha de esposa-dona-de-casa-mãe-de-família. Provou-se estar atenta aos passos de sua família, aos descaminhos e possíveis entraves para a reputação dos Assunção. Guardiã-do-lar e toda sacrifício, fez do indevido, a regra natural para defender os seus. Do fardo de boa mãe, de boa esposa, fez justificativa para cometer seus diversos crimes, e ainda, utilizou de sua aparência elegante, de sua raça, do título de baronesa da Boa Vista e esposa de senador para jamais ser punida por nenhum feito ilegal.

Já no âmbito de aprendizagem histórica, busquei assegurar a telenovela como terreno fértil para a mediação professor-aluno, como ferramenta que permite já explorar a experiência da criança com os conhecimentos próprios da disciplina. Ainda, considero que a telenovela, a partir dessa intermediação, auxilia na interpretação crítica de fontes, e é proveitosa nas operações cognitivas de experiência, interpretação e orientação de Rüsen para aprendizagem histórica.

Fonte

Lado a Lado. Novela de João Ximenes Braga e Claudia Lage. Telenovela. Rede Globo de Televisão. Setembro/2012 até março/2013.

Referências

BUSETTO, Áureo. **Sintonia com o contemporâneo: a TV como objeto e fonte da História.** In: BEIRED, J; BARBOSA, C. (Orgs.). Política e identidade cultural na América Latina [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

³⁹ Busetto, 2010, p. 162

D'INCAO, Maria Helena. Mulher e família burguesa. In: Mary Del Priore (org.) **A História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=8KgR15ZvX8wC&pg=PA223&dq=mulher+e+fam%C3%ADlia+burguesa&hl=ptBR&newbks=1&newbks_redir=0&sa=X&ved=2ahUKEwiTvtPtj-AAxWLLbkGHTt6D8IQ6AF6BAgFEAI#v=onepage&q=mulher%20e%20fam%C3%ADlia%20burguesa&f=false Acesso em julho de 2023.

FREITAS, Juliana de Almeida. **As possibilidades entre as novelas e o ensino de história**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, XXVI, 2011, São Paulo. (Anais eletrônicos) São Paulo, 2011, p. 1-12. Disponível em: https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308189989_ARQUIVO_Aspossibilidadesentresnovelaseoesinodehistoria.pdf Acesso em junho de 2023.

GARCIA, Emilla Grizende. **A telenovela como fonte de pesquisa historiográfica**. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA – ANPUH-SP, XXII, 2014, Santos. (Anais eletrônicos) Santos: 2014. p. 1-12 Disponível em: http://www.encontro2014.sp.anpuh.org/resources/anais/29/1406773378_ARQUIVO_ATELENOVELACOMOFONTEDEPESQUISAHISTORIOGRAFICA.pdf Acesso em julho de 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2021**: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101963> Acesso em outubro de 2023.

MATOS, Júlia Silveira; FERREIRA, Elisabete Zimmer. **Telenovela: um elemento do cotidiano como fonte de aprendizagem histórica**. OPSIS, Catalão, v.15, n.1, p. 117-135, abril de 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/Opsis/article/view/34723/20039> Acesso em setembro de 2023.

Memória Globo: Lado a Lado. Globo Comunicações e Participações S.A. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/lado-a-lado/>. Acesso em agosto de 2023

NASCIMENTO, Aline Carneiro do. **As aparências enganam: mulheres e o uso da imagem para prática de crimes contra a propriedade no Rio de Janeiro da Primeira República**. História Crítica, Alagoas, Ano IX, número 17, p. (115 – 135) junho de 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/rchv19n17.2018.0007> Acesso em setembro de 2023.

PROFHISTORIA-UFPA. **Aprendizagem histórica e consciência histórica em Jörn Rüsen**. Youtube, 29 de junho de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6_ndrVoVBKI Acesso em outubro de 2023.

RAGO, Luzia Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar – Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (orgs). **Jörn Rüsen e o ensino de História**. Curitiba: Editora UFPR, 2010.